

# Polissemia: da atenção à significação

Kariny Cristina de Souza Raposo\*  
Helena Maria Gramiscelli Magalhães\*\*

## Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo investigar a significação linguística, sob uma ótica que a delinea como processo de conscientização. Seu *corpus* são os discursos interpretativos indiciados por registros que revelam estratégias polissêmicas e subseqüente produção de sentido. Serão utilizadas como fundamentação teórica abordagens que se pautam pelo entendimento da significação como ação cognitiva que se desenvolve, reiteradamente, com intenções pragmáticas, educacionais, sociais, psicológicas e políticas. Como unidade de análise, toma-se a relação entre significado e consciência. Objetiva-se a avaliar se a polissemia operaria como instrumento para (re) direcionar a atenção. Constitui também objeto de investigação o seguinte questionamento: se a polissemia envolve os vários sentidos do significado, seriam estes os elementos invariáveis em posição central e deflagrados pela atenção, a partir da experiência consciente (consciousness)?

Palavras-chave: Significado. Atenção. Polissemia. Linguística Cognitiva. Consciência.

## Introdução

Sob uma ótica que a delinea como processo de conscientização, e tendo como *corpus* discursos interpretativos indiciados por registros que revelam estratégias polissêmicas e subseqüente produção de sentido, este artigo toma a significação linguística como seu objeto de estudo.

Para realizar uma análise desse porte, serão utilizadas como fundamentação teórica abordagens que se pautam pelo entendimento da significação como ação cognitiva que se desenvolve, reiteradamente, com intenções pragmáticas, educacionais, sociais, psicológicas e políticas. Trabalha-se com um *corpus* previamente selecionado, composto por enunciados proferidos por

\*Centro Universitário de Sete Lagoas (UNIFEMM).

\*\*Faculdade de Educação da UFMG.

políticos (EPPs) e os utilizados por interlocutores em textos de humor. Esse *corpus* foi selecionado porque seus enunciados, em um primeiro plano de leitura, veiculam somente um sentido, mas, em um segundo, revelam a polissemia que atualiza outras significações na enunciação.

Assim, tendo em vista o caráter processual deste trabalho, toma-se como unidade de análise a relação entre significado e consciência (MARCHETTI, 2010) em três instâncias distintas, porém, interligadas: *isolamento* – de experiências distintas; *descontextualização* – a significação não como compreensão de um objeto singular, mas de todos os objetos da classe, em quaisquer circunstâncias; *congelamento* – relação com a significação que possui o poder de congelar propriedades, e as relações que se associam a um signo, tornando seu uso relativamente estável no tempo e no espaço. A partir dessas características, objetiva-se avaliar se a polissemia, os vários sentidos do significado, operaria como instrumento para direcionar a atenção. Para tanto, este trabalho será subdividido nas seguintes seções: Significação linguística e conscientização; Linguística Cognitiva e polissemia; Significado linguístico e atenção; Análise e discussões.

## 1 Significação linguística e conscientização

Os significados das palavras e sentenças têm um peso especial no nosso processo de conscientização (*consciousness*), visto que elas moldam nossas experiências, na medida em que as utilizamos reiteradamente com várias intenções. Ou seja, a maior parte de nossa vida consciente é povoada pelos significados das palavras. Tais significados nos garantem ter uma experiência consciente, porque “isolam, descontextualizam, congelam e classificam” nossas experiências conscientes.

Dessa forma, o conceito de significado de Marchetti (2010) fundamenta-se, basicamente, no seguinte princípio: palavras são instrumentos para direcionar nossa atenção. No nosso entender, isso implica que a construção dos sentidos dos significados é seletiva, passa pelo crivo das experiências e tem como base o conhecimento que os indivíduos possuem sobre a realidade externa, o mundo. A experiência consciente passa a ser entendida, então, como um sistema significativo de expressão (via palavras) no discurso e na ação.

Dito de outra forma, a experiência consciente do significado das palavras é primeiramente caracterizada pela ausência de qualquer propriedade rica e que

atribua qualificativos, como cor, textura, tamanho, imagens etc. No entanto, essa experiência camufla um conhecimento profundo e complexo que pode gerar uma variedade de experiências conscientes associadas ou conectadas ao significado da palavra. Na verdade, se um indivíduo tiver bastante tempo disponível, depois de experienciar o significado de uma palavra, ele pode, por extensão, pensar sobre, imaginar ou lembrar várias ocorrências às quais a palavra se refere.

O mesmo autor destaca, ainda, a importância dessa relação entre significado e consciência em termos de alguns aspectos fundamentais que *podem ser atribuídos* ao significado linguístico.

Segundo esse autor, o **isolamento** permite separar experiências distintas. Nossa experiência com o vermelho, por exemplo, nos permite isolar objetos vermelhos, sem os confundirmos com experiências que temos com objetos de outras cores.

Já na **descontextualização**, o significado de qualquer signo não representa a compreensão de um objeto singular, mas direciona à compreensão de todos os objetos da classe, em quaisquer circunstâncias. E finalmente, o significado tem o poder de **congelar** propriedades e relações que se associam a um signo, tornando o seu uso relativamente estável no tempo e no espaço, fazendo, assim, com que a função comunicativa da linguagem seja preservada.

A título de exemplificação, vejamos a seguinte situação extraída e adaptada de Marchetti (2010):

Quando uma pessoa pede: “Eu quero uma xícara de café”, entendemos perfeitamente bem o que ela quer, mesmo que ela não especifique que tipo de café ela quer, ou que tipo de recipiente prefere (xícara ou copo). Nesse caso, pode-se dizer que há uma simetria composicional entre a produção sintática *Sujeito + verbo + artigo + preposição + substantivo* e a interpretação semântico-pragmática que se faz da frase em pauta. Na verdade, o que o sujeito deseja é café. A associação entre consciência e significação passaria pelo conhecimento da realidade externa (mundo) de todos os envolvidos na cena enunciativa que sabem que o enunciador está se referindo apenas a *querer café*. Essa associação se dá pelo *isolamento*, conforme pontua Marchetti, do objeto (recipientes, já que líquidos só podem ser servidos neles, e do congelamento do tipo de café (*cappuccino*, expresso, *latte* etc.). Esses elementos orientam a atenção para o sentido desejado.

No entanto, conforme postula Marchetti (2010), obviamente, o fato de as palavras apresentarem apenas uma versão descontextualizada dos elementos que elas isolam pode, vez por outra, gerar ambiguidades ou interpretações diferentes

daquelas que pretendíamos quando as usamos. Tais ambiguidades, que se originam do uso ampliado, figurativo, metafórico ou incomum da palavra, somente podem ser desfeitas recorrendo-se ao conhecimento linguístico e empírico, ou às informações contextuais. Exemplo disso seria a ambiguidade sintática, nos enunciados *Michelle encontrou a senha do cartão de crédito que ela tinha perdido* e *Os eleitores esperam dos candidatos que se elegeram uma atitude que melhore suas vidas*. Ou, ainda, a ambiguidade lexical em assertivas como: *A galinha se diverte sujando a pata na lama* e *Pedi à empregada para limpar minha manga*.

Nesse sentido, cada palavra transmite as instruções condensadas das operações *atencionais* (da atenção) que o indivíduo tenha de desempenhar, se quiser conscientemente experienciar – seja como um significado puro, uma imagem, uma percepção real, um processo de raciocínio, um conceito, ou qualquer outra coisa – as relações (entre a pessoa e outras entidades, entre a pessoa e ela mesma, e entre outras entidades e elas mesmas) que são expressas através daquela e por aquela palavra (MARCHETTI, 2010, p. 69, tradução nossa).

Então, quando fazemos uso das palavras e da língua, seja para produzir ou compreender sentenças, discursos e textos escritos, desenvolvemos operações atencionais<sup>1</sup> veiculadas pelas palavras que usamos. Ao desenvolvermos tais operações veiculadas pelas palavras, nós, conscientemente, experienciamos seus significados.

## 2 Linguística cognitiva e polissemia

Segundo Soares da Silva (1997, p. 59), a Linguística Cognitiva é uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como

---

<sup>1</sup> Não é nossa intenção sustentar que apenas uma língua estruturada ou um sistema de comunicação podem direcionar nossa atenção. Todos nós experienciamos eventos aleatórios, gestos, imagens, odores ou sons ocasionais diários que fazem nossa atenção se movimentar do lugar onde estava e partir em direção a novos caminhos e, conseqüentemente, fazer-nos agir, ter ideias, sentimentos etc. Entretanto, a língua natural continua sendo a ferramenta predileta, mais comum, mais bem estruturada e mais econômica de que os homens dispõem para influenciar a atenção um do outro e a sua própria (MARCHETTI, 2010).

manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

Tomando-se como ponto de partida as palavras do autor, pode-se considerar a Linguística Cognitiva – LC –, como uma corrente que se interessa pelas características estruturais da categorização linguística, a saber: prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, metáforas e imagens mentais. Dito de outro modo, as categorias linguísticas se adaptam aos vários contextos em que são usadas, integrando novas entidades como membros mais ou menos periféricos e polissêmicos, ou seja, cada nova expressão linguística corresponde a múltiplos significados.

Então, do ponto de vista da LC, o significado é dinâmico, construído por meio de interpretações e configurado em feixes de conhecimento ou domínios, sendo corporizado nas necessidades, nos interesses e nas experiências individuais e culturais (SILVA, 2006). Desse modo, para a LC, a linguística significa investigar a semântica pragmática, isto é, o *significado em uso*. E ainda, nessa corrente, a prototipicidade ou categorização por protótipos e a subjetivação assumem uma importância central no surgimento de novos significados.

No âmbito da LC, a linguagem é parte integrante da cognição fundamentada em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais, devendo ser estudada no seu uso e no contexto da categorização do processamento mental, da interação e da experiência sociocultural individual. Assim, o significado linguístico e o conhecimento de mundo são interligados, sendo a linguagem um meio de interpretar e construir o mundo, de organizar conhecimentos que refletem as necessidades, os interesses e as experiências dos indivíduos e das suas culturas. (SILVA, 2004, p. 2).

Avançando um pouco mais nessa discussão, a expressão que define metodologicamente a LC é a expressão modelo baseado no uso (*usage based model*), que explica a importância do método de observação do uso real das expressões linguísticas. No âmbito desse paradigma científico, o significado assume importância fundamental para os estudos da linguagem, da cognição e da cultura. De sua complexidade emerge a polissemia como um campo natural de incidência dessa perspectiva teórica.

O semanticista francês Michel Bréal, que colocou a polissemia no centro do estudo dos fenômenos linguísticos, considera-a como “uma das melhores respostas

às necessidades cognitivas e sociais dos falantes, e é no uso e na psicologia dos falantes, na relação com a cognição e com a cultura que ela deve ser estudada” (SILVA, 2006, p. 21).

Entretanto, na linguística estruturalista e na linguística generativa, a polissemia foi tomada como homonímia, deixando de lado a relevância da diferenciação de sentidos e o estatuto linguístico do seu estudo. A polissemia era concebida, predominantemente, como fenômeno lexical, o que implicava considerá-la apenas como a reunião de dois ou mais significados em uma única palavra. Todavia, tal definição não apreende, a contento, os problemas relacionados à polissemia, visto que, sob essa conceituação, prioriza-se a avaliação da sua correlação com o conceito de homonímia, procurando mostrar o que há de comum entre esses dois fenômenos semânticos e, sobretudo, aquilo que poderia diferenciar um do outro.

De modo geral, a questão da polissemia é ainda obscura em termos de padrão de análise, uma vez que as dificuldades associadas à sua compreensão, na interpretação e para a produção de textos, perpassam os conhecimentos linguísticos, a situação de enunciação e, também, seu processamento cognitivo.

Dessa forma, para a LC, o estudo da polissemia deixa de ser desenvolvido no nível das estruturas lexicais, passando a ser realizado no âmbito da pragmática, a língua em uso, no qual se contempla a flexibilidade e variabilidade semânticas. Nessa perspectiva, Soares da Silva define polissemia como “a associação de dois ou mais sentidos relacionados entre si a uma única forma linguística” (SILVA, 2006, p. 10). Em outras palavras, os sentidos de um item lexical são essencialmente interpretações de um determinado contexto e é a prototipicidade ou categorização que explica, *grosso modo*, o fato de os diversos usos do mesmo item lexical se organizarem a partir do núcleo prototípico por similaridades.

A partir desse ponto e das implicações que a ele subjazem, arriscamos propor uma primeira questão: se as palavras são instrumentos para direcionar nossa atenção e se cada significado possui elementos invariáveis que se encontram em posição central e são responsáveis pela produção de qualquer instância da experiência consciente, como a polissemia, os vários sentidos do significado operariam como instrumento para direcionar a atenção? É o que tentaremos responder na próxima seção.

### 3 Análise

Apresentadas as perspectivas da relação entre significação linguística e conscientização, bem como da LC sobre polissemia, procedemos, agora, à análise de alguns enunciados em textos de humor e Enunciados Proferidos por Políticos (EPPs).

Para encetarmos essa tarefa, torna-se pertinente questionar: o que faz com que uma (ou mais) expressão(ões) linguística(s) utilizada(s) nos EPPs e nos textos de humor evoque um determinado sentido e não outro? Ou seja, uma vez revelada e considerada a polissemia dos enunciados, como os vários sentidos do significado operariam como instrumento para direcionar a atenção? Esses são os questionamentos que, de modo geral, nortearam nossa investigação.

Para responder a essas questões, vale considerar que a língua comporta procedimentos que geram tanto efeitos de sentido estáveis, quanto instáveis, os quais deverão ser reconhecidos pelo interlocutor que queira ‘desvendar’ o significado. Isto é, ao ler um EPP, ou ouvir uma piada, o interlocutor ativa um primeiro plano de configuração de sentido aos quais nos EPPs chamaremos de (S), e no texto de humor (N-normalidade). Após considerar aspectos enunciativos, o interlocutor deverá reconfigurar o EPP e a piada em um segundo plano de leitura, nos EPPs (S’) e no texto de humor violação (V), para que o sentido se acomode. Esses dois “momentos” ((S) e (S’) e (N) e (V)) de construção de sentidos constituem elementos importantes de uma análise criteriosa da polissemia.

Nossa escolha pelo *corpus* aqui apresentado se justifica, à medida que constatamos que muitos aspectos do sentido dos EPPs e dos textos humorísticos não se deixam analisar composicionalmente, em razão de certos jogos de palavras e dos efeitos de sentido que eles evocam. A partir, pois, dessa constatação inicial, pretendemos, como dito anteriormente, avaliar uma hipótese sobre o processo de significação linguística, destacando, principalmente, a polissemia, que, tanto nos EPPs quanto nos textos de humor, permite uma leitura em dois planos de configuração de sentido, possíveis graças às condições de construção e produção desses textos. Vejamos como isso ocorre no texto de humor.

Texto 1

- Seu Manoel, meus pêsames. Soube que ontem o senhor enterrou sua mulher.
- Sim, sim, ora, pois, pois. Mas ela já estava morta. E não fui eu quem a enterrou, não; foi o Senhor coveiro.

O humor é construído a partir da polissemia que provoca a ambiguidade da expressão “enterrou sua mulher”, na qual se embute também um eufemismo usado socialmente para confirmar falecimentos. O primeiro plano de leitura é introduzido no discurso do personagem-enunciador e fica garantido por “enterrou”, e o segundo plano, por “morreu”. O *portuga* ignora o eufemismo polissêmico de “enterrou” e, com isso, introduz a incongruência, causando o riso. É o riso que nos permite perceber a interpretação adequada do texto. O mesmo riso mostra o conhecimento linguístico e o da realidade externa e como o ouvinte isola e congela o sentido que não lhe é útil.

No plano enunciativo, o texto é marcado pela polifonia: um personagem-enunciador com a esperança de que o personagem-enunciatário se dê conta da polissemia de *enterrar*, e o locutor-empírico que espera que esse enunciatário não desfaça a ambiguidade de *enterrar* para provocar o humor/riso, e o leitor/ouvinte. Para comprovar que o lusitano não desambiguiza *enterrar*, o autor introduz como resposta a violação “Ela já estava morta”. A palavra já, com valor semântico de “antes”, juntamente com o restante do enunciado, veicula o óbvio, mantém a ambiguidade e perpetua o estereótipo.

Também a escolha pela voz ativa em *soube que ontem o senhor enterrou sua mulher* garante o valor ilocucional, a intenção pretendida pelo locutor empírico. Se o autor tivesse escolhido os enunciados “soube que ontem sua mulher foi enterrada (pelo coveiro?)”, o texto não causaria o mesmo impacto. É a voz ativa que sustenta a *burrice* do lusitano. Aliás, o enunciado na voz passiva nem seria uma fala “normal”, pois quem diria tamanha redundância, a não ser um outro texto de humor ou certos exemplos em cursos sobre papéis temáticos? “Foi enterrada” sepultaria também o eufemismo e o texto não seria de humor.

As escolhas também pelo mecanismo lógico – burrice x inteligência – e pelas expressões linguístico-discursivo-pragmáticas são decisivas para que o autor consiga deslocar/isolar o foco da atenção do (pseudo)tema morte para o verdadeiro tema de seu texto: o estereótipo *português é burro*, em que o alvo, obviamente, é o português. Com esse deslocamento, o autor desnuda sua intenção primária,

causa humor e provoca o efeito perlocucional riso. Portanto, apesar de o texto parecer se centrar no tema morte, esta permanece isolada, congelada, em segundo plano, suplantada pela decantada (no Brasil) ignorância do português. Observe-se que o entendimento da piada, em que pese sua *simplicidade*, requer um exercício que envolve experiência de mundo e de pragmatismo. Como ocorreria essa (re) configuração de sentido na teoria?

O linguista Thomas Veatch (1998, p. 1)<sup>2</sup> apregoa que três condições, normalidade (N), violação (V) e simultaneidade (S), são individualmente necessárias e conjuntamente suficientes para a ocorrência do humor. Essas condições descrevem um estado subjetivo de absurdidade emocional, porque uma situação é percebida como normal, mas simultaneamente alguma crença ou algum princípio moral subjetivo, que deve ser respeitado como ele espera, é violado. Veatch afirma que, se as três condições estiverem presentes na mente do indivíduo, o humor também estará. Na ausência de uma dessas três condições, a percepção de humor se inviabilizará. Como essas categorias se opõem, V é a ausência de N, e N a ausência de V. Resumindo, N afirma que tudo está bem e V nega que tudo esteja bem, que, ao contrário, algo vai mal. Isso ocorre graças à presença da polissemia, que direciona a atenção para outros sentidos. Resumamos a fórmula de Veatch.

Quadro 1 – Ilustração das condições para se construir o texto de humor.

1	NORMALIDADE	O ouvinte tem uma visão da situação como sendo normal.
2	VIOLAÇÃO	Um princípio moral subjetivo é violado.
3	SIMULTANEIDADE	A normalidade e a violação ocorrem na mente do ouvinte ao mesmo tempo.

Fonte: A Theory of Humor, in *Journal of Humor Research*, Berlin: Mouton DeGruyter, May 1998.

Ilustremos como opera essa fórmula de Veatch.

Se você não encontrar sua meia laranja, não desanime...  
**(Normalidade)**  
 Encontre seu meio limão, coloque açúcar, gelo, pinga e seja feliz!  
**(Violação)**  
 (VEATCH, 1998).

<sup>2</sup> [...] that certain psychological state which tends to produce laughter.

A simultaneidade, por ser ato mental, obviamente, não se materializa linguisticamente.

O desvio da atenção para outro sentido ocorre em função do trecho da Violação: (*Encontre seu meio limão, coloque açúcar, gelo, pinga e seja feliz*), que viola o sentido esperado (Normalidade seria *Continue a procurar até achar...*). Observe-se que o item lexical laranja é magistralmente substituído por limão para deflagrar o desvio da atenção, e provocar o sor(riso) ao remeter à *caipirinha*. O **isolamento** (MARCHETTI, 2010) permitiu a separação de experiências distintas. A nossa experiência com *limão, açúcar, gelo, pinga* (caipirinha) nos permitiu isolar *meia laranja*, sem confundir-se com a experiência que temos com esse sintagma (sentido de *alma gêmea*).

Quanto à **descontextualização**, o significado de um objeto (signo-meia laranja) representou a compreensão de um objeto singular (meio limão), mas validou a compreensão do conjunto dos objetos da classe, nessa dada circunstância (açúcar, pinga, gelo). Finalmente, o significado atribuído **congelou** as propriedades e relações associadas à *meia laranja/alma gêmea*, tornando seu uso relativamente estável no texto.

Analisemos outro texto.

Se o pato perde a pata, ele fica viúvo ou aleijado?

A percepção do ouvinte é desviada nos enunciados na violação (V) do texto em que *viúvo* e *aleijado* permitem dois planos de leitura. A polissemia do sintagma *perde a pata* (fica viúvo/tem a perna amputada) provoca a ambiguidade que redireciona a atenção do ouvinte, que o força a reconfigurar os sentidos das palavras *perde a pata*. Essa ação traz humor e provoca o (leve) riso. Nessa piada, os sentidos de *perde a pata* seriam os elementos invariáveis em posição central, a partir da experiência consciente (*consciousness*) com essas expressões linguísticas, que seriam os deflagradores da atenção.

No que tange à violação (V), os enunciados em que nada soar errado serão percebidos como sem graça (normalidade). A percepção de uma violação (V), o desvio da atenção, em uma dada situação, atinge a ambos: a situação e o ouvinte. Em uma dada circunstância, pode haver uma violação que não fica óbvia e que, assim, não traz humor. Por outro lado, outro ouvinte com um ponto de vista diferente sobre o modo como as coisas devam ser, ou que tenha diferentes crenças

ou compromissos em relação àqueles pontos de vista, com certeza perceberá o humor de modo diferente. Por isso, a percepção do humor é duplamente subjetiva no sentido de ser um evento psicológico da subjetividade e no de terem os sujeitos diferentes percepções e formas de redirecionar o foco da atenção.

Quanto à simultaneidade (S), as duas interpretações dos dois planos devem ser feitas ao mesmo tempo, sob pena de a percepção do humor não ocorrer. Só conjuntamente é que as condições necessárias N e V podem forjar humor, mas nenhuma delas é suficiente sem a ocorrência da simultaneidade. Isso, somado ao modo diferenciado de se redirecionar a atenção, talvez explique o fato de algumas pessoas não manifestarem as reações “previstas” (riso, gargalhada), diante de determinados textos de humor.

Como a mente não é uma máquina que opera do mesmo modo para todas as pessoas em relação ao entendimento sobre textos, quer de humor, quer de EPPS, nem algo que se possa manipular ou controlar, embora a fórmula de Veatch venha descrita na ordem: Normalidade + Violação + Simultaneidade, nada garante a manutenção dessa sequência. Não existe uma ordem fixa de percepção para o processamento da normalidade, ou da violação, pois as palavras pedem configurações de sentidos, e um deles (ou alguns, talvez) é mais forte e mais proeminente do que outros e direciona a atenção de forma distinta. É certo que, se há violação (S'), há uma normalidade e, se existe normalidade, é porque há violação. Mas, certamente, a atenção se redireciona quando encontra a violação no humor e a polissemia nos EPPs e a partir das experiências conscientes.

Portanto, no texto de humor, assim que detectadas, as duas condições se justapõem e são interpretadas no mesmo instante, apesar da simultaneidade aparecer em terceiro lugar na descrição de Veatch, e no quadro anterior.

Vejamos, a seguir, a análise de um EPP.

“Tem gente que miou. Entrou Lampião e saiu Maria Bonita.”  
(Renato Casagrande, senador PSDB, um dos relatores do processo de cassação de Renan, insinuando que alguns colegas sucumbiram às pressões e absolveram o presidente do Senado. (Veja, 29/12/2007).

O verbo *miar* no exemplo em pauta é polissêmico, já que dois significados podem ser considerados: So1: *emitir som/miado, característico dos gatos* e So2: *emitir som, deformação da voz humana*. A partir da polissemia, nossa atenção é direcionada para que busquemos elementos que nos permitam interpretar *adequadamente* o enunciado. O segundo efeito de sentido (emitir som, deformação da voz humana) é garantido ao verbo em destaque, quando nossa atenção é desviada pela personificação de *miar* (gato > gente) e também por um processo de restrição seletiva, já que o princípio da composicionalidade também possibilita essa interpretação, que se mostra hegemônica, vez que há uma troca do sujeito *gato > gente*.

Temos, no presente exemplo, elementos no enunciado que nos possibilitam deduzir o So1 (emitir som, característico dos gatos) e o So2 (emitir som, deformação da voz humana). Com tal análise, tudo o que o falante precisa fazer é aplicar as regras fonológicas, morfossintáticas e semânticas que interiorizou na aquisição da língua para abstrair uma significação.

Entretanto, para que tenhamos uma interpretação do enunciado em questão, em sua íntegra, torna-se necessário explicar o terceiro efeito de sentido – *miar* = *sucumbir/ desistir/afinar* –, conseguido por meio do sentido atribuído a So2. Esse efeito de sentido (3) é da ordem da enunciação, ou seja, ele requer uma condição enunciativa (personagens envolvidos, contexto etc.), para que se possa interpretar o sentido, uma vez que não se trata apenas de se proceder a uma compatibilização dos elementos, isto é, à consideração apenas das partes que o compõem. E, ainda, não se obtém o efeito de *afinar/sucumbir/desistir* somente por meio da interpretação das estruturas linguísticas do enunciado 3, mas de outros elementos enunciativos, tais como:

**Suporte:** revista *Veja*

**Seção da revista:** *Veja Essa*

**Identidade do locutor:** Renato Casagrande (aqui chamado de locutor 1)

**Papel Social:** senador pelo PSDB

**Cotexto:** No plano sintagmático o encadeamento do enunciado [... *Entrou Lampião e saiu Maria Bonita*], torna-se fundamental para a construção do sentido de *miar*, no exemplo em foco.

Ainda no plano sintagmático, o comentário da revista constitui o contexto do enunciado, definindo sobre quem e para quem, porque e em que situação se falou (Renato Casagrande, senador PSDB, um dos relatores do processo de cassação de Renan, insinuando que alguns colegas sucumbiram às pressões e absolveram o presidente do Senado. **Veja**, 29/12/2007). Assim, à medida que selecionamos elementos da cena enunciativa (suporte, identidade do locutor, contexto etc.), fundamentais para ajudar a construção do sentido do enunciado, contextualizamos.

As três instâncias distintas, mas integradas, de Marchetti (2010) se aplicam à análise do enunciado em tela. O terceiro efeito de sentido (miar= sucumbir/desistir/ *afinar*) exigiu o **isolamento** de experiências anteriores com o sentido de miar (som do gato, deformação da voz humana, *afinar*/sucumbir) e permitiu a separação de experiências distintas e a decisão pela escolha do sentido de *afinar*. No tocante à **descontextualização**, o significado do signo miar representou a compreensão de um objeto singular (som do gato), mas validou a compreensão de mais dois sentidos nessa dada circunstância (emitir som/deformação da voz humana e *afinar*).

Finalmente, o terceiro efeito de sentido (*afinar*) **congelou** as propriedades e relações associadas aos outros sentidos, tornando seu uso relativamente estável no texto. Esses sentidos múltiplos são deflagradores da atenção, razões de seu redirecionamento. Assim, são os múltiplos sentidos do significado, a polissemia, que, em posição central, constituiriam os elementos invariáveis, a partir da experiência consciente que deflagrariam a atenção.

Vale observar que os EPPs e os textos humorísticos compartilham de aspectos idênticos para a (re)configuração de seus sentidos: os dois planos de leitura facultados pela polissemia. A diferença se postaria no fato de o texto de humor ter (geralmente) como efeito perlocucional o riso, e os EPPs, não, embora os enunciados de alguns políticos sejam, algumas vezes, hilários, dadas a ironia e a insensatez que, à vezes, os permeia.

Dessa forma, a significação linguística é uma ação cognitiva que se desenvolve a partir de intenções pragmáticas, sejam elas educacionais, sociais, psicológicas ou políticas.

## Palavras finais

Para o nosso estudo, definimos como objetivos avaliar se a polissemia, os vários sentidos do significado, operaria como instrumento para (re)direcionar a atenção e se esses sentidos seriam os elementos invariáveis em posição central e deflagrados pela atenção, a partir da experiência consciente (*consciousness*). Pudemos perceber, ao procedermos às análises dos textos selecionados, que nossa atenção pode ser controlada e dirigida pela polissemia. Ou seja, os múltiplos sentidos do significado assumem uma posição central/invariável, a partir de nossas experiências conscientes, para deflagrar a atenção.

Retomando e corroborando Marchetti (2010), não tencionamos sustentar que nossa atenção seja apenas direcionada pelas línguas estruturadas ou por sistemas de comunicação quaisquer, visto que, obviamente, nossas experiências de mundo e sensações diversas e cotidianas em relação ao que nos rodeia fazem nossa atenção deslocar-se do lugar onde estava para procurar novos rumos, atuar, conceber novas ideias e experienciar novos sentimentos. No entanto, é inegável, “a língua natural continua sendo a ferramenta predileta, mais comum, mais bem estruturada e mais econômica de que os homens dispõem para influenciar a atenção um do outro e a sua própria”.

Assim, pode-se dizer que, tanto nos EPPs quanto nos textos de humor, o (re) direcionamento da atenção de que fala Marchetti (2010) se alojará: nos EPPs, no segundo plano de leitura (S<sup>2</sup>), e nos textos de humor, nas estruturas linguísticas dos enunciados da violação (V), ou seja, nas estruturas polissêmicas dos enunciados.

## Polysemy: from attention to signification

### Abstract

This study investigates linguistic meaning from the angle of a concept that describes it as a process of consciousness. The *corpus* consists of speeches marked by registers which reveal polissemic strategies and the subsequent construction of meaning. The theoretical argumentation is based on approaches founded in the understanding of meaning as a cognitive action developed repeatedly together with educational, social, psychological, political and pragmatic intentions. The text takes as its analytical unit the relation between meaning and consciousness. The paper intends to assess whether polysemy may operate as a tool to (re)direct attention. The text seeks to answer the following question: if polysemy embodies the various senses surrounding meaning, would they be the invariable elements in central position that would be triggered by attention, departing from consciousness?

Keywords: Meaning. Attention. Polysemy. Cognitive Linguistics. Consciousness.

### Referências

MARCHETTI, Giorgio. Meaning. In: MARCHETTI, Giorgio. **Consciousness, attention and meaning**. New York: Nova Science Publisher, 2010. p. 59-125.

SILVA, Augusto Soares. Linguística Cognitiva. Uma Breve Introdução a um Novo Paradigma em Linguística. **Revista portuguesa de humanidades**, v. 1, fasc. 1-2, 1997. p. 59-101. Disponível em: <<http://www.facfil.ucp.pt/lincognit.htm>> Acesso em: 25 jul. 2013.

SILVA, Augusto Soares. Protótipos, imagens e metáforas, ou o experiencialismo da linguagem e do pensamento. In: DINIS, Alfredo; CURADO, José M. (Org.). **Consciência e cognição**. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 2004. p. 79-96.

SILVA, Augusto Soares. **O Mundo dos sentidos em português: Polissemia, Semântica e Cognição**. Coimbra: Almedina, 2006.

VEATCH, Thomas C. A Theory of Humor. **HUMOR: International Journal of Humor Research**, Berlin: Mouton DeGruyter, v. 11. n. 2, p. 161-216, May 1998. Disponível em: <<http://www.journalofhumorresearch>>. Acesso em: abr. 2005.



**Dossiê**  
Interação discursiva e  
cognição

